

ESTRELAS NO CHÃO

Francisco Cândido Xavier / Autores Diversos



A PRECE

Casimiro Cunha

Sob o guante da treva, o Homem gemia:
- Senhor, a carne é a minha sepultura!
Por que a jornada tormentosa e escura,
Em que sofro o rigor da ventania?
Padeço, errante, a imensa noite fria.
De aflição, desconforto e desventura...
Alivia-me as chagas de amargura,
Socorrendo-me a senda de agonia!
Respondeu-lhe o Senhor:-Espera e ama!
Receberás do Céu Sublime Chama,
Para a angústia revel que te domina!
E deu-lhe a Prece por brilhante estrela.
Desde então, o Homem, forte e calmo, ao tê-la,
Seguiu da sombra para a Luz Divina.

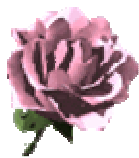


ANTE O PORVIR

Cyro Costa

Homem, viajor da Luz, do cimo a que te elevas,
Contempla à retaguarda o passado profundo,
Os primórdios da vida e a gênese do Mundo,
Ao hálito dos Céus nas formações longevas.
Fita o flâmeo vulcão de que te sobrelevas,
O mar, a selva, a aldeia e o trabalho fecundo,
Da Civilização, de segundo a segundo,
Que arrancaste com Deus às entranhas das trevas!
Depois, segue fugindo à guerra que te enlaça,

Às tragédias do ódio e às garras da injustiça,
Sublimando a razão, na faina de esquecê-las!
E conquistando a paz, ao brilho do futuro,
Descobrirás, um dia, o Reino do Amor Puro,
Da escuridão do charco ao fulgor das estrelas!



CANTORIA DA FÉ

Casimiro Cunha

Não sei se o meu verso pobre,
Neste caso dará pé,
Inspiração com verdade,
Mostra o que é e não é;
Devo escrever nesta noite,
A cantoria da fé.
Aceitar ordens do Alto,
Em meu bestunto é dever.
Fé mesmo, fé sem sofisma,
Na Terra, não pude ter,
Mas se quem pede é quem manda,
Só me cabe obedecer.
Se eu na Terra fosse um homem,
Aprofundado na crença,
Liquidaria este caso,
Como quem não fala e não pensa,
Mas para falar em fé,
Preciso rogar licença.
Viver sob confiança,
Parece cousa de lei,
Explicar a razão disso,
É dom que nunca esperei;
Difícil mostrar estrada,
Pela qual não transitei.
Sobre a minha incompetência,
Não lastimo, nem me iludo,
Fui apenas cantador,
Sem colégio e sem canudo,
No entanto, creio que a fé,
Sustenta a base de tudo.

No mundo, a gente confia,
Em número, verbo e nome,
Confia no comprimido,
Que se adquire e se toma,
No carro que se dirige,
Ou no curau que se come.
As forças vivas da fé,
Garantem o próprio ser,
Mas, hoje em dia, na Terra,
Com tanto brilho e saber,
A dúvida sem razão,
Põe muita gente a descrer.
O homem mora na Terra,
Que por si mesma se vira,
Não cria minas no espaço,
Para o ar que ele respira,
E muitos andam dizendo,
Que Deus é pura mentira.
Alguns escrevem ou falam,
Contra a crença, contra a prece;
O ateu, por si, se rotula,
No título que merece:
Um filho que tem vergonha,
Do pai que não lhe aparece.
Antigamente, a criança,
Dispunha, no próprio lar,
De quem lhe desse atenção,
Ensinando-a a rezar...
Hoje, é muita gente adulta,
Que nem quer raciocinar.
Temos no mundo de hoje,
A corrida que não cessa,
Quando parece que pára,
A largada recomeça;
É guarda, pedestre, carro,
E buzinas da pressa.
Vendo um amigo ao volante,
Ameaçado por trás,
Tomei forma e fui a ele,
Pedindo-lhe prece e paz,
Mas ele disse: “Oração?
Largue mão disso, rapaz!”
Depois fui auxiliar,

A um antigo companheiro,
Falei-lhe da fé em Deus,
E ele riu-se, chocarreiro,
Dizendo que acreditava,
Tão-somente no dinheiro.
E o mundo prossegue assim,
Entre conflitos gerais;
Pouca gente fala em Deus,
O resto nem pensa mais...
A imprensa quer mais cadeias,
A rua pede hospitais.
O sofrimento campeia:
É notícia deprimente,
É nova onda de assaltos,
É menino delinqüente,
É rebeldia gritando,
É gente matando gente...
Dizem que nesse barulho,
É que o progresso se afina,
Mas sem fé onde estará,
A luz que nos ilumina?
Aguardemos a resposta,
Da Providência Divina.



CANTORIA DA INTELIGÊNCIA

Casimiro Cunha

Não sei como articular,
Em minha frase insegura,
A cantiga encomendada,
Por benfeitores da altura,
Quem canta de coração,
Pouco entende de cultura.
Não recuso confiança,
Embora sem merecê-la,
Mas dizer de inteligência,
Vivendo sem conhecê-la,
É o mesmo que um jacaré,
Querendo falar da estrela.

Obreiro que fui na Terra,
Fiz da pena a minha pá,
Evolução como vejo,
É no alto que ela está;
Matuto conhece a planta,
Só pelo fruto que dá.
Ciência de qualquer tempo,
Não defino como seja,
Sempre vivi de esperança,
Na alegria sertaneja,
Mas servidor que obedece,
Não faz só o que deseja.
Nas lutas da inteligência,
Tantas vidas se consomem!
Penso nisso com frequência,
Temendo que elas me tomem;
O lobo não mata lobo,
Mas o homem mata o homem.
A ciência vem de Deus.
Isso é verdade sagrada.
No entanto, em muitas cabeças,
Depois de ver-se instalada,
Com pequenas exceções,
Parece degenerada.
Dizem no mundo de agora,
Que o tempo é do cientista,
Entretanto, no melhor,
Da máquina modernista,
Nunca se viu tanto medo,
Com tantas guerras à vista.
O progresso está crescendo,
Segundo conceito certo,
Engenhos novos estão,
Vencendo o próprio deserto,
É conforto e mais conforto,
Mas o terror anda perto.
Inseridos em foguetes,
Os homens foram à Lua,
Contudo, muitos nem sabem,
Manter a união na rua,
E o ódio isolando estradas,
É a brasa que continua...
O homem constrói palácio,

Onde existia a favela,
Ergue torres e mansões,
Tomando a vida mais bela;
Depois faz bombas pesadas,
Aniquilando com ela.
Inventaram-se remédios,
Podando dores fatais,
Mas deles surgiram drogas,
Com fugas sensacionais,
E o cordão dos traficantes
Cada vez aumenta mais.
Plantar e colher são sempre,
O câmbio da vida, em suma...
Hoje se queima petróleo,
Nas nações, uma por uma,
E tanta riqueza gasta,
Não devolve coisa alguma.
Quanto mais apoio amplo,
Amparando a Terra inteira,
Muito mais foge a mulher,
Da missão de companheira,
E, em qualquer povo do mundo,
O aborto é de cachoeira.
Quem começa a renascer,
Agora, por vezes, pára...
A gravidez protegida,
Hoje em dia é coisa rara;
É muito espírito expulso,
A fogo e ferro na cara.
Avanço da inteligência?
Isso na vida é de lei.
Devia honrar a cultura,
Mal começo, terminei.
Se a Terra está progredindo,
Sinceramente, não sei.



CARTÃO SEM SÊ-LO

Casimiro Cunha

Caro irmão, que tenho à vista,
De crença profunda e honesta,
Usa os dons que Deus te empresta,
No bem da própria conquista.
Passa o teu campo em revista,
Ampara a planta que presta,
E foge à mundana festa,
Que dilacera e contrista.
Impávido e grande arrosta,
O mal que, de mesa posta,
Na terra é senhor robusto.
Há muita fé nobre e vasta,
Que além-túmulo se arrasta,
Tremendo, a cair de susto.



CONTRADIÇÃO

Casimiro Cunha

No sítio de Antoninho Rapadura,
Pregava Nhô Coutinho da Lagoa:
- “Perdoai, meus irmãos; quem não perdoa,
Cai sem querer nas trevas da loucura.
Alma de quem se vinga é noite escura...
Irritação é lama na pessoa.
Ofensa, mesmo grave, é coisa à-toa,
Se o coração resguarda a fé segura!...”
Nisso, um homem zombou, cheirando a vinho:
- “Sai daí!...Cala a boca, Nhô Coutinho!...”
Fechou-se o pregados em cara feia...
Depois, gritou com panca de bravata:
-“Fora daqui, cachorro vira-lata!
Vai curtir a cachaça na cadeia!”



CONVITE

Casimiro Cunha

Lidador de Jesus, contempla o campo à espera...
Tudo é renovação na imensa gleba humana...
Agitadas e hostis em torva caravana,
Fogem sombras do Mundo ao sol da Nova Era!
Desfralda o próprio sonho à luz da lama sincera,
Aprimorando a fé na Vida Soberana,
E atendendo à extensão da paz que nos irmana,
Age, estuda, constrói, ampara, persevera!
Liberta-te cumprindo o dever que te exalta,
“Elevar-se a servir” é a diretriz mais alta,
De quem honra o progresso em trabalho fecundo...
Alteia-te no bem!...Abençoa e confia,
E unidos em Jesus chegaremos um dia,
À vitória do amor na redenção do Mundo!



CONVITE GERAL

Casimiro Cunha

Tempo velho, tempo novo...
Cada dia é diferente;
Por isso, o Céu nos avisa:
-“Olha o tempo, minha gente.”
A fim de servir à vida,
É que Deus no-la consente;
E a vida lembra, apressada:
-“Olha o tempo, minha gente.”
Do Sol ao barro na Terra,
Tudo vibra, tudo sente...
E a Natureza proclama:
-“Olha o tempo, minha gente.”
Entre pedras e espinheiros,
Não te agastes, segue à frente...
Eis o caminho a gritar-nos:
-“Olha o tempo, minha gente.”
Problemas e provações,
Surgirão, constantemente...
A luta exige, onde estejas:
-“Olha o tempo, minha gente.”

Trabalha, serve, constrói...
Não te faças descontente.
A esperança roga em tudo:
-“Olha o tempo, minha gente.”
Falamos na Lei de Deus,
- O Estatuto Permanente –
Pois a Lei nos pede a todos:
-“Olha o tempo, minha gente.”



DEPOIS DO TEMPORAL

Casimiro Cunha

Cansado coração, ouve, lá fora,
O turbilhão do temporal violento,
Cai o granizo, ruge a voz do vento...
É a Natureza que se desarvora.
O firmamento é anônima cratera,
Quando o raio estraçalha a noite escura,
E choras, ante o caos e a desventura,
A prova que te ensombra e dilacera.
Ao furacão que passa, caem ninhos,
Tombam troncos, a ímpetos medonhos,
E recordas as pedradas dos caminhos,
Que varaste perdendo os próprios sonhos!
Espera e crê!...O temporal vai longe!
Amanhã seguirás em nova estrada,
E, ao teu olhar, a luz será mais linda,
Quando o Sol acender a madrugada...



DESENGANO DE CANTADOR

Casimiro Cunha

Cantador que vem da morte,
Quando se põe a lembrar,
Não sei se sente conforto,

Se tem prazer ou pesar,
Mas de visita aos amigos,
Tem muita cousa a contar.
No sertão, onde eu morava,
Guardava o que mais queria:
Plantação de jirimum,
De cana e de melancia,
Lavoura cercando o engenho,
E cãs na freguesia.
Trazia minha mulher,
Toda enfeitada de fita,
De filhos, tinha uma dupla,
Que nunca vi tão bonita;
Em cãs, tinha oratório,
Em honra de Santa Rita.
Mantinha dinheiro em cofre,
Barra de ouro e dobrão,
Meu grande anel com brilhante,
Não me saía da mão;
Tinha caçamba de prata,
Em meu cavalo alazão.
Para mim, todo mendigo,
Parecia muquirana,
Carregava sempre aceso,
O meu charuto de havana;
Merenda de minha mesa,
Era feita em porcelana.
Do meu alpendre florido,
Sentado num canapé,
Negava comida aos pobres,
Mesmo que fosse a coité;
Para criança andrajosa,
Tinha grito e pontapé.
Tempo chega, tempo passa,
Em certo dia agourento,
Chegou a morte e me disse:
- Patrão, não seja birrento,
Não me recuse o serviço,
Que é chegado o seu momento.
O choque me derrubou,
A cabeça ficou fria,
Caí num sono danado,
No qual nem sonho sentia;

Minha prosa terminara,
Acabou-se a valentia.
Quando acordei, de repente,
Estava num catre estreito,
Ninguém velava comigo,
A dor que tinha no peito;
A idéia é que me acusava,
Por tudo o que havia feito.
Depois de clamar por Deus,
Fazendo grande alarido,
A registrar um cansaço,
Que nunca havia sentido,
Enfermeiros me trataram,
Por doente desvalido.
Transcorrido muito tempo,
De memória aberta em brasa,
Lembrando em minha fraqueza,
Um tico-tico sem asa,
Chorei igual a um menino,
Pedindo regresso à casa.
Voltei, mas tudo mudara,
Para meu rude tormento,
Minha mulher tinha outros,
Fugindo de casamento,
Meus filhos me detestavam,
Por causa de testamento.
A casa que eu construía,
Era tapera sem trato,
Minha lavoura de engenho,
Sumira, dentro do mato;
Meu nome era ponto certo,
Para surra e desacato.
Por fim, chorei sem remédio;
Ali não tinha mais vez,
E afastei-me compreendendo,
Com medonha lucidez,
Que a gente colhe no mundo,
É a vida que a gente fez.
Conto aqui a minha história,
A quem possa acreditar;
A quem não possa, desejo,
As bênçãos que Deus mandar,
Porque a morte vem a todos,

Sem distinção de lugar.
Adoto nome trocado,
E assino como convém;
Sei que a vaidade da Terra,
Não tem valor de um vintém,
Mas tenho amigos no mundo,
Não quero ferir ninguém.



DESPEDIDA COMO TANTAS

Casimiro Cunha

Esta história não é minha,
É do Juquinha Avelar,
Que me pediu letra e nome,
Quando a pudesse contar.
Ele disse: - Há quem indague,
Na vida em que me aprofundo,
O que foi que vi, de perto,
Quando cheguei no “outro mundo”.
Por isso, ninguém se espante,
Nem se fira na surpresa,
Se minha fala aborrece,
Pois, converso com franqueza.
Meu grande choque, a princípio,
Foi enxergar, ao meu lado,
Meu corpo frio e sem vida,
Lembrando um tronco lascado.
Nada sabia da morte...
Sentia enorme cansaço...
E o meu susto foi tão grande,
Que caí numa cadeira.
Havia gente na sala,
Conversando, à revelia...
Gemi, pedindo socorro,
No entanto, ninguém me ouvia.
Vi minha velha num quarto,
Magrinha, quase esqueleto;
Chorava, desconsolada,
Toda vestida de preto.

Os meus dois filhos presentes,
Antoniquinho e Cesário,
Segredavam, de um a outro,
Sobre assuntos de inventário.
Antoniquinho explicava,
Que exigia toda a gleba,
Com casa e benfeitorias,
Do Sítio da Jurubeba.
Mas Cesário acrescentava,
Que não cederia tudo,
Que todo caso de herança,
Precisa de muito estudo.
Eles dois continuavam,
Fechados na discussão,
Nem se lembravam de mim,
Entre a cadeira e o caixão,
Acompanhando, de perto,
Os lances daquela briga,
Sentia arrocho no peito,
E muito dor de barriga.
Notando a falta de apreço,
Que vinha de minha gente,
Sofri aflição de novo,
Tomei a ficar doente.
Dona Cocota afirmava,
Sempre agarrada à mentira,
Que eu furtara muita terra,
No Roçado da Traíra.
Por fim, me vi agitado,
Naquela sala de espera,
Cansado de tanto ouvir,
O que era e o que não era.
Quase louco me apeguei,
À força que vem da prece,
Rogava socorro ao Cristo,
Viesse de onde viesse.
Aí, um guarda surgiu,
Mostrando sinais de luz;
Entendi que era a resposta,
Do meu pedido a Jesus.
Desviei minha atenção,
Para as visitas, em casa,
Aí senti que a vergonha,

Punha meu rosto na brasa.
Todo o assunto, em andamento,
Era simples zombaria;
Cochicando, a meu respeito,
O grupo falava e ria.
O amigo Tonico Sales,
Apontando-me a carcaça,
Comentava que eu morrera,
De tanto beber cachaça.
O Adão dizia que eu,
Andava sempre na “chuva”,
Mas carregava nas costas,
Muito choro de viúva.
O guarda puxou-me o braço,
Para eu deixar o velório,
Mas eu disse ter receio,
Do inferno e do purgatório.
Ele, porém, me explicou,
Alegre e calmo, sorrindo:
- Avelar, do purgatório,
Você hoje está saindo.
Então, procurei a rua,
E larguei os gritos meus:
- Adeus, Terra!...Adeus, meu povo!
Purgatório, adeus, adeus!



DESPEDIDA MATERNA

Casimiro Cunha

Recordo, filho meu... A tarde se enovela.
Quase noite... Nós dois e a dor indefinida...
Os soluços de mãe, na extrema despedida...
Os soluços do filho ao separar-se dela.
Crisântemos no chão e vozes na capela...
Abraças-me na sombra... Abraço-te vencida,
Arrasada de pranto... É a hora da partida...
Sinto os braços de alguém, rente à cova singela.
Quanto tempo se foi!... Hoje, volto a beijar-te,
Filho do coração que vejo em toda parte...

Não te lamenteis mais!... Ama, espera, confia!
Finda a saudade atroz, na jornada insegura,
Deus nos envolverá na suprema ventura,
De um novo lar de luz na celeste alegria!...



EXCURSÃO CURATIVA

Casimiro Cunha

Dizes-te triste e sem forças,
Em desânimo profundo,
Por bagatelas do mundo,
Que somam inquietação!
Sofrestes vários reveses...
No tédio que te procura,
Trazes farpas de amargura,
Gravadas no coração.
Deixa, porém, alma boa,
O fel que te desconsola,
Vem conosco à grande escola.
Do amor unido a Jesus!
Lerás, ao vivo, ainda hoje,
As laudas do desengano,
Nas mágoas do hanseniano,
No cego que vai sem luz...
Sigamos. Neste barraco,
Pobre mulher se consome,
Deu aos filhinhos com fome,
O pão que o lixo lhe deu,
Contempla os filhos que dormem,
E, ouvindo o clamor do vento,
Relembra, com desalento,
O esposo que faleceu!
Mais adiante, eis um telheiro...
Sem que a penúria lhe importe,
Um velhinho aguarda a morte,
Com sede, chamando alguém!
Olha em vão a porta aberta,
Quer água fria do poço,
Chora, ao pensar que foi moço...

Não aparece ninguém!
Visitemos os que moram,
Sob pontes desprezadas,
Nota, ao longe, nas estradas,
Doentes vagando ao léu!
Alguns caem no caminho,
No mal-estar que os alcança,
Morrendo sem esperança,
Embora fitando o Céu!
Alma querida, recorda,
Os que vão de alma ferida,
São, entre as pedras da vida,
Nossos irmãos teus e meus!
De volta ao teu lar feliz,
Que de flores se entretece,
Dirás, bendizendo em prece:
-“Muito obrigado, meu Deus!”



FIM DO CORPO

Casimiro Cunha

Do leito fito, além, o renascer da luz...
Agita-se-me o peito, ante o cansaço extremo...
Amplia-se o torpor... Anseio, choro, temo...
O frio me entorpece... A aflição continua...
Ouço, de longe em longe, os ruídos da rua...
Num mar de indagações, a mente é nau sem remo...
Recorro à prece e busco o Socorro Supremo...
Todo o corpo esmorece... A memória flutua...
Depois, é a escuridão, ante choque violento...
De súbito, um clarão me varre o pensamento...
Liberto, ergo-me, enfim... No quarto, a luz fulgia.
E, ao rever afeições que deixara na Morte,
Entro no Mais Além, sob doce transporte,
Voltando ao Grande Lar, em pranto de alegria!



HISTÓRIA DE DONA AMÉLIA

Casimiro Cunha

Conheci Dona Amélia na fazenda,
Dona Amélia Maria Liberata.
Linda e rica mulher, mas rude e ingrata,
Sempre altiva, no estrado de ouro e renda,
Deixava o pão mofando preso á lata,
E gritava: "Ninguém me desatenda".
Procurava conflitos de encomenda,
Para zurzir os servos na chibata...
Mais tarde veio a morte... A nobre dama,
Padecia o remorso como a chama,
Quando o fogo se apega à carne nua.
O tempo voa... E agora, reencarnada,
Vejo-a sozinha, triste e desprezada,
Esmolando socorro em cada rua.



MAGNA DOR

Casimiro Cunha

Interoguei ansioso a Dor um dia:
- "Quem te enviou cruel à nossa estrada?
Por que buscas a vida acorrentada,
Aos tormentos da sombra e da agonia?!
Certo, emerges da noite espessa e fria,
Em que nunca aparece a madrugada...
Vens do abismo de boca escancarada,
Onde a angústia das trevas não tem dia..."
Mas a dor respondeu: - "Cala-te e lida!
Eu sou a inesperada luz da vida,
Não procures o bem no campo inverso!
Ouve! sem meu luzente archote errante,
O homem – cansado e mísero viajante –
Viveria se rumo no universo."



MORTE E REPOUSO

Casimiro Cunha

Página aos irmãos que, às vezes, desejam a desencarnação para repousar

-“Quero morrer, meu Deus, e ver se alcanço,
Estar no Espaço, ao lado de meu guia!”
Tanto rogou Cocota de Lilia,
Que morreu numa queda atrás de um ganso.
Mas não achou a paz que ele queria,
Nem o Céu, nem a rede de balanço...
Acompanhava o guia se descanso,
Trabalhando e servindo, noite e dia.
Afadigada em tanto movimento,
Reclamava chorando: “Não agüento!”
E renasceu na roça em Vila Bela...
Hoje é feliz, no sítio da Moenda,
Destoca terra e serva na fazenda,
Carregando comida na gamela.



NEM TUDO

Casimiro Cunha

Segue a trilha da prudência,
Se queres viver feliz,
Nem todos são para tudo,
Nem tudo a todos se diz.



OS MORTOS VIVEM

Casimiro Cunha

Não chores quem se vai, quando a faina termina!
Para lá do sepulcro outra senda começa...
A Natureza, em tudo, é sublime promessa,
Tudo ressurge e brilha, ante a Glória Divina!
Os mortos rasgarão a cerca de neblina,
É família do amor que revive e regressa,
Trazem consolo e paz, sem que a sombra os impeça,
De suavizar a dor, onde a dor se esborcina.
Nunca desesperar, se a saudade te alcança...
Entrega o pensamento às auras da esperança,
A noite aponta os sóis de imortal primavera!
Fita a semente em verde, a renascer da lama...
A morte dá mais vida à vida de quem ama,
E o amor é mais amor no coração que espera.



PACIÊNCIA

Casimiro Cunha

Paciência é a palavra calma e boa,
Atenuando a cólera, sombria,
Silêncio para a injúria que atordoa,
Retendo em si a bênção da harmonia.
É a voz do entendimento que perdoa,
O fel da incompreensão e da ironia,
Sorriso que restaura e que alivia,
Resistência da paz que aperfeiçoa.
Paciência! Sustento da esperança,
Mensagem do amor que não se cansa,
Do puro amor, sem que a terra o degrade!
A quem te siga a excelsa companhia,
Serás, no Grande Além, amparo e guia,
Na luz sublime da Imortalidade.



PALAVRAS AOS AMIGOS

Casimiro Cunha

Vinde, amigos, ao Cristo, enquanto o dia,
Fulgura ao sol de doce primavera!
A multidão cansada vive à espera,
Da mensagem da paz e da alegria.
Vinde ao tronco robusto da verdade,
Buscar-lhe a seiva dos celestes ramos,
Cultivando na estrada em que marchamos,
As flores da união e da amizade.
A Terra é o campo dadivoso e lindo,
Onde o trabalho é o dom consolador,
E onde as mãos do Divino Semeador,
Continuam plantando e redimindo...
Mas o Excelso Pastor que nos governa,
Pede concurso amigo que lhe estenda,
A milagrosa e fúlgida oferenda,
Do amor que brilha para a Vida Eterna,
Vinde, pois, ao serviço em plena aurora!
Na alma do mundo, há treva e sofrimento,
Reclamando o divino entendimento,
Da bondade que auxilia e aprimora.
Trazei convosco o júbilo sublime,
Da ação que regenera e aperfeiçoa,
Conduzindo a esperança humilde e boa,
Onde a amargura em lágrimas se exprime.
Construir entendendo é o nosso lema,
Pela bondade generosa e franca...
A caridade é a mística alavanca,
Que eleva o mundo inteiro à paz suprema.
Estendamos a fé que nos socorre,
De alma feliz, esperançosa e crente!
No serviço do amor a toda gente,
Jesus conosco é a luz que nunca morre.



PATERNO AMOR

Casimiro Cunha

Na frente, a maca envolve um corpo em malha fina.
O Professor verbera e grande turma o escuta.

Ele clama sincero: “O tóxico domina!
A cocaína aumenta em propaganda astuta!”
Designando a maca, ei-lo que discrimina:
- “Viemos à Polícia, em nossa intensa luta,
Ver de perto a infeliz criança prostituta,
Que ontem morreu drogada, às portas de uma esquina!”
O Professor descobre o corpo nu da morta,
Solta um brado de horror que os ares, longe, corta,
Cai, em pranto, a gritar na dor em que se humilha:
- “Filha do coração, meu amor, minha prenda!
Quem te fez tanto mal? Julguei-te na fazenda...
Piedade, meu Deus!... Sou pai... Ah!... minha filha



PAZ E AMOR

Casimiro Cunha

Escuta, coração!
Se buscas atingir a vitória do bem,
Se desejas que a paz se te instale nas horas,
O programa é servir sem desprezar ninguém...
Contempla a terra em derredor,
E reconhecerás com nitidez,
Que em base de ação e tolerância,
Nada de bom se fez!
O chão que suportou enxada e golpe,
É sempre aquele chão,
Onde a vida se dá e depois se retoma,
Em láureas de verdura e tesouros de pão...
A fonte que te ampara não se oculta,
Em descanso vulgar,
É aquela que não teme pedra e lodo,
E cede apoio ao rio à procura do mar.
Observa mais longe:
No anseio de progresso a que o tempo te induz,
Sem força ou combustível que se gastam,
Pereceria a Terra, ante a morte da luz.
Se sonhas com mundo novo, serve e segue,
Não pares, nem te deixes combalir,
O trabalho presente aproveita o passado,

Para tomar mais alta a bênção do porvir!
Não te prendas à sombra da tristeza,
Nem te entregues à queixa amarga e vã,
Auxilia, perdoa e eleva hoje,
E encontrarás mais bela a vida de amanhã!
Examina conosco, alma querida!
Seja onde seja com quem for,
Deus, em tudo, é a presença da bondade,
Que a tudo envolve e guarda, cascatas de amor!



PORTA DE MÉDIUM

Casimiro Cunha

Sabemos, além da Morte,
Que o Plano de Amor e Luz,
Vive hoje aberto aos homens,
Para a união com Jesus.
Até eu, que pouco entendo,
De paz, amor e serviço,
Já sou cabra lecionado,
Consciente quanto a isso,
Fui prestar cooperação,
No socorro à nossa gente,
Trabalhando, junto à porta,
De pobre médium doente,
A fim de lembrar o Cristo,
A quem me surgisse à frente.
Vi muitos grupos chegando,
Tanto em carros, quanto a pé,
Então anotei o assunto,
Grave e difícil como é...
Ninguém buscava Jesus,
Nem queria a luz da fé.
Eu falava em Vida Nova,
Tentando a telepatia,
Exaltando o amor de Deus,
De Jesus e de Maria;
Na porta, gente e mais gente,
No entanto, ninguém me ouvia...

Parecia um pandemônio,
O povo desesperado,
Ninguém pensava no médium,
Que se mantinha acamado;
Cada pessoa na porta,
Era um problema de lado.
Agora, vinha uma dama,
Chorando um homem fugido,
Logo após, vinha uma esposa,
Queixando-se do marido;
Em seguida, o esposo veio,
A declarar-se ofendido.
Um homem chegou, às pressas,
Exigindo uma sessão,
Para livrar-se da sogra,
Que o punha na contra-mão...
A mulher era só dele,
Com razão ou sem razão.
Um rapaz apareceu,
Falando em ódio e vingança...
Queria agir contra o pai,
Com medidas sem tardança,
Destacando, indignado,
Destacando, indignado,
Os seus direitos de herança.
Sem a presença do médium,
Que se via adoentado,
Fez-se logo um bafafá,
Com duro palavreado;
E o susuru só se foi,
Ante o boné de um soldado.
Quando o dia terminou,
Mergulhei na indagação:
Estamos certos de unir,
Jesus e o povo brigão?
Só sei que, em porta de médium,
Servir, não quero mais, não.



PRECURSOR

Precursor do Futuro,
Não te doam pedrada no caminho,
Não te fíram espinhos da jornada;
Teu destino é criar...
Construir com Jesus o mundo grande,
Em que a fraternidade lúcida se expanda,
Como bênção se par!
Em verdade, o roteiro é de amargura,
De cansaço e de dor,
Mas a luz do progresso,
Vive no combustível,
Do suor e das lágrimas daqueles,
Que, sem contar as mágoas do caminho,
Consagram-se, indomáveis,
Ao bem dos semelhantes.
Não te abastas ao golpe da maldade,
Nem te prendas ao cipoal escuro,
Da sombra e da discórdia,
Porque o Dia de Sol Sublime e Eterno,
Aguarda-te na tela,
Do porvir infinito...
Não temas, crê somente:
A palavra do Mestre,
Ontem, hoje e amanhã,
É a santa ordenação,
Que te pede marchar...
Há no vale sombrio da ilusão,
Muita vitória falsa,
Adornada por flores enganosas,
De falsos ouropéis...
Não te prendas à idéia,
De ruído e triunfo mentiroso,
Não te esqueças na luta,
De que, enquanto,
A vitória na Terra partilha,
Os despojos dos vencidos,
Animando a opressão ,
E incentivado o crime,
O trabalho do Céu,
Desdobra-se em silêncio,
Levantando o Lar Novo,

Que o futuro se acolherá.
Segue, amando e sofrendo,
Trabalhando e servindo,
Aprendendo e ensinando,
Semeando claridades eternas,
Na estrada de todas as criaturas,
Convencido de que os teus,
Títulos mais nobres,
E de que os louvores mais,
Altos a se erguerem por tua luz,
Repousam, esperando-te,
Sublimados e belos,
Nas mãos do Grande Anônimo,
Que é Nosso Pai,
Que é Deus.



PRESENÇA DO AMOR

Casimiro Cunha

Onde a paz se rejubila,
Em louvor, auxílio e prece,
Onde a Bondade aparece,
Fonte de excelso caudal,
Ei-lo que surge espontâneo,
Sem vocação de tumulto,
Resplandece-se, Sol oculto,
Chama de Amor imortal.
Desde as eras mais remotas,
Lembra fúlgido pedaço,
De Céu, colhido no Espaço,
Vibrando Beleza e Luz;
Refulgindo, trouxe ao mundo,
Na túnica dos milênios,
Heróis, Filósofos, gênios,
Sócrates, César, Jesus!
Guiando Nações e Povos,
Se o ódio ruge na Terra,
Ante a metralha da guerra,
Faz-se mais vivo clarão;

Torna-se mão que abençoa,
Inspira, afaga, redime,
Apaga as nódoas do crime,
Extingue a separação.
De ponta a ponta do Globo,
Se a dor ameaça o mundo,
É sempre apoio fecundo,
Pela missão de elevar;
Socorro, bênção, afeto,
Com Deus é a força gigante,
Que cria, ampara e garante,
A Escola, o Jardim, o Lar...
Quando o mal sacode a juba,
Armando as clavas da treva,
É lâmpada que se eleva,
Fulgindo seja onde for;
E, alcançando-se humilde e nobre,
Filtra a Grandeza Divina,
Restaura, ergue e domina,
Pela presença do Amor.
Santuário, templo, astro,
Em que esplendores se esconde?
Como vê-lo? Quando? Onde?
Mas isso é dado a qualquer;
Esse santo relicário,
De ternura indefinida
Com que Deus sustenta a vida,
É o Coração da Mulher.



PROMESSA DA VIDA

Casimiro Cunha

No caminho terrestre, alma fraterna e boa,
Não afirmes que o mundo te constringe,
Que a dor, em toda parte, é a mesma esfinge,
Enigma cruel que te aflige e atordoa.
Trabalho para o bem é paz e disciplina,
Sofrimento é esmeril que refaz e aprimora,
Qualquer tribulação é sempre a grande escora,

Contra a força do mal que nos chama ou fascina.
Torvas humilhações na aspiração vencida,
Pedrada, incompreensão, sarcasmo, insulto,
Tempestades de pranto amargo e oculto.
São recursos do Céu, enaltecendo a vida.
Lutas e provas? Silencia ao vencê-las,
Humilha –te servindo, ama, eleva e confia!
Segue a trilha da fé e encontrarás, um dia,
As moradas do amor, no País das Estrelas!



SERVIÇO E NÓS

Casimiro Cunha

Afirmam irmãos diversos,
Que estimam viver a sós,
Que Deus, em si, tendo tudo,
Nunca precisa de nós.
Mas isso não é verdade,
Note junto de você,
Tantas e tantas tarefas,
Quais as que logo se vê.
A criança pede apoio,
O lar pede proteção,
Família ou grupo quaisquer,
Rogam afeto e razão.
A Terra reclama estradas,
Do subsolo às Alturas,
Para haver entendimento,
No campo das criaturas.
Palavra roga cuidado,
Para fazer-se entendida,
A multidão pede amparo,
A rumo certo na vida.
A escola pede instrutor,
O livro roga atenção,
Assegurado a cultura,
Na frente da evolução.
Doença roga remédio,
Na prova a que se reduz,

Penúria aguarda socorro,
A escuridão pede luz.
Qualquer mal onde apareça,
Roga bondade e perdão,
O bem, quando é bem de todos,
Espera divulgação.
Oficina quer trabalho,
Nas obras a que se lança,
Produzindo reconforto,
Alegria e segurança.
A semente quer cultivo,
Em louvor da natureza,
A gleba pede trator,
A fonte roga limpeza.
Segundo é fácil de ver,
No mundo, em toda extensão,
A vida, em nome dos Céus,
Reclama cooperação.
Conforme a vida, o serviço,
Desde o berçário aos museus,
É a ficha de cada um,
No valor perante Deus.



SURPRESA

Casimiro Cunha

Entre os homens diz Jesus,
Ter vindo para os doentes,
E, ao servi-los, faz-se a luz,
De todos os continentes;
Mas perguntando, um a um,
Em busca desses irmãos,
Não achou doente algum,
Pois todos querem ser sãos,



TEXTOS DA REENCARNAÇÃO

Casimiro Cunha

Morreu Arthur... Grande autor,
Que induzia tudo ao mal...
Hoje, achei-o noutra vida,
Alienado mental.
Fui ver a ficha de Aristo,
Mendigo se paradeiro,
Foi outrora rei nefasto,
Flagelando um povo inteiro.
Morreu Lina... Pelo canto,
Largou muita gente louca...
Renasceu e quer cantas,
Mas tem doença na boca.
Léo, pretextando ser livre,
Foi mau sem disfarce;
No além, rogou a cegueira,
A fim de regenerar-se.
Jamais te queixes de Deus,
Alma cansada e ferida,
A dor na reencarnação,
Apaga os males da vida.



VERSOS A JUVENTUDE

Casimiro Cunha

Juventude...
O Caminho do Céu é longo e rude...
Guarda o próprio valor,
Ninguém consegue a paz ambicionada,
Sem devotar-se na sublime estrada,
Ao trabalho do amor.
Mas, o amor que edifica e aperfeiçoa,
Nunca foi sensação que se esboroa,
No sepulcro abismal.
É holocausto da própria vida ao Mestre,
Por secar toda lágrima terrestre,
Na bondade real.

Mocidade...
Cultiva a bênção da imortalidade,
Pelo dom de servir...
Não descanses em pétalas de flores,
Que a ilusão tem mil braços tentadores,
Conturbando o porvir.
Se procuras o Cristo Soberano,
No ilimitado sofrimento humano,
Não desprezes a cruz!
Ama, aprende e trabalha, cada dia,
E alcançarás o reino da alegria,
Na vitória da luz.



TAL VIDA

Casimiro Cunha

Falecera a sovina Nhá Rosenda.
Brigara por vintém depois da janta...
Na noite inteira, o povo reza e canta,
Falando em Deus, no Sítio da Moenda...
Sigo o caixão dourado em seda e renda,
Na sepultura, fala o Zé da Manta:
-“Nhá Rosenda, no Céu, será mais santa,
Era um anjo nas lutas da fazenda...”
Alguém traz a coroa derradeira,
A morta larga o corpo na carreira,
Quer dinheiro, pragueja, desacata...
Depois sumiu...Mas, hoje, em Pirapama,
Encontrei Nhá Rosenda entregue à lama,
Crendo agarrar pacotes de ouro e prata.

Fim.